O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 35.º — Sábado, 14 de Março de 1942 — N.º 1723

VISADO PELA CENSURA

O JULGAMENTO DE RIOM

O julgamento, em Riom, dos responsáveis pela derrota da França, é mais um drama a juntar à grande e inolvidável queda daquela nação perante a marcha irresistível dos formidáveis exércitos alemães.

E' assim a realidade, é assim a vida, são assim mesmo os próprios exemplos da história.

Nos grandes acontecimentos e, sobretudo, naqueles em que depende a vitória ou a derrota de um povo, o êxito ou o insucesso é que faz ascender os homens ao Capitólio ou que os faz despenhar na Rocha Tarpeia.

Temos vivo na história o exemplo emocionante de Napoleão. Poderoso dominador e conquistador; eminente cabo de guerra; prodigiosa fôrça de vontade e sagacíssima visão de inteligência.

Dominou a Europa, que era, então, o grande mundo dessa época, a cabeça imperativa dos continentes. Aos seus pés de plebeu e de corso (que chegou, talvez, a ser com injustiça um estigma) tudo se rojou. Os reis, os grandes e os pequenos da terra — até o própio Papa!

Era o sol nascente, que todos se apressaram em adorar e venerar. Quem é que ousaria profetizar a sua queda, a sua hora negra de desgraça?

Entretanto, como há só uma coisa no mundo verdadeiramente superior, nimbada de eternidade e de omnisciência, que é Deus, os acontecimentos, complicando-se, sem haver mãos ou rédeas que os domassem, porque êles mesmo excederam limites humanos que não se podem transpôr, arrastaram, dum momento para o outro, Napoleão ao cativeiro, onde terminou, tristemente, seus dias, em companhia de alguns amigos e servidores dedicados—que os há sempre.

E o mundo, que se rojára a seus pés, negligente e egoìstamente lhe virou as costas. Já não era o triunfador—era o vencido!

Se os homens que estão a responder em Riom tivessem saído vitoriosos da batalha travada com a Alemanha, seriam poucas as palavras encontradas nos dicionários para os exaltar e glorificar. Assim, como perderam a pugna, como ficaram vencidos, todos atiram, cômodamente, as culpas para cima deles.

Ó feroz egoísmo humano!

E ainda por cima esta paisagem dolorosa a esmaltar a cêna, que tem laivos de tragédia e de infortúnio: os chefes políticos culpam os chefes militares, êstes, se falassem, acusariam, talvez, os políticos; outros culpam os princípios, a organização do Estado, as instituições, a dissolução geral e assim sucessivamente.

Se Foch e Clemenceau tivessem perdido a guerra, em 1914, que há quem diga que esteve por um triz, de certo que se encontrariam nas mesmas circunstâncias dos actuais réus e responsáveis.

Como a guerra ainda não terminou, piedosamente encerramos o comentário, deixando à consciência esclarecida e justa do leitor extraír dele a sua moralidade.

J. CARREIRA

O TEMPO

Tem-nos andado a fazer caretas, como é costume neste mês. Por isso não estranhamos. *Março, marçagão; de manhã, cara de anjo, de tarde, focinho de cão.*

Para o bacalhau

Os arrastões da nossa praça *Santa Joana* e *Santa Princesa* saíram a barra de Lisboa e seguem o rumo da Terra Nova e Groelândia em procura do *fiel amigo*.

Oxalá o encontrem com a fartura desejada.

Na Avenida

Abriram mais dois novos estabelecimentos, um para venda de frutas e outro de jornais, livros, revistas e tabacos.

O comércio a dar àquela artéria da cidade a importância que deve ter.

CARTAS

Março de 1942

Minha amiga:

Senti-me, há dias, profundamente emocionada ao ler a notícia daquele terrível bombardeamento nos arredores de Paris.

Actualmente, a França é como uma pessoa desgraçada, a quem tudo corre mal e que cai, continuamente, de desgôsto em desgôsto, de infelicidade em infelicidade...

Quem havia de dizer, aqui há uns anos para trás, que êsse país admirável e que se impunha ao mundo, havia de passar horas amargas como as actuais?

Ouço ainda a imploração que, pela rádio, fez Paul Reynauld à América, dias antes do armistício. Era a prece de socôrro dum naufrago...

Ouço ainda, também, os sinos a dobrar a finados, recordo o silêncio, depois, terrível e impressionante, e, por fim, ouço as palavras que Pétain dirigiu aos franceses no dia em que foi assinado o armistício. Foram momentos trágicos e crueis, êsses, mas bem dura e desgraçada é, também, a vida de vencida, nessa França única, onde agora há duas partes distintas— uma, que os alemãis ocupam, outra, que Vichy governa.

Acabou, com o armistício, a guerra das armas; mas outra começou, encarniçada e árdua — a luta pela existência e pela subsistência.

Se os franceses foram os únicos culpados da sua derrota, êles têm pago bem caro êrros passados, imprevidências e libertinagens, que impressionavam o mundo inteiro e que, no dizer de tantos, eram um perigo para o futuro dela e para a moral dos povos. Derrotados e desgraçados, os franceses, vencidos, continuam a sofrer não só as conseqüências da derrota, só por si calamitosas, mas ainda e também os resultados da guerra dos países alheios. E assim, há dias, nesse medonho bombardeamento que a aviação inglesa fez aos arredores de Paris, houve centenas de mortos e centenas de feridos sofrerам ali horrorosamente.

Pobre França! Desgraçados franceses, que foram, talvez, vítimas de maus chefes. Tivessem êles a dirigi-los pessoas de valor e sem paixões políticas e os franceses de 1940 seriam valentes como os seus antepassados.

Podiam não vencer; mas a derrota e a queda não seriam tão grandes.

Habituada a ver a França sempre em primeiro plano e a maior parte das vezes em lugar de honra, impressiona-me, agora, só ouvir falar dela, ou para a lamentar, ou para anunciarem novos desastres. E é ainda esta minha admiração por êsse país, que foi o cérebro da Europa e marcou em todo o mundo, que me leva a ter esperança em dias melhores.

Um país como aquele não pode morrer; e um povo daqueles, que em tudo brilhava e que era o primeiro em tudo, não pode acabar assim. Esta derrota medonha, que a Alemanha, heròicamente, lhe infligiu, talvez seja uma lição e um chamamento ao bom caminho, de que êle, ùltimamente, andava um pouco desviado.

Um abraço da

Zèmi

FEIRA DE MARÇO

Acha-se quási concluído o abarracamento para o mercado anual que se realiza no campo do Rossio e cuja abertura é no dia 25.

Só o pórtico sofreu alteração, obedecendo, o resto, às características anteriores.

Mau sintoma

Consta que encerra àmanhã as suas portas a Pensão Central, antigo Hotel da Clarinda, situado no Côjo, e que tinha bastantes anos de existência.

No fim de 1941 fechou o Café Rossio e outras casas de comidas e bebidas seguiram o mesmo caminho.

São as conseqüências da crise, originada pela falta de géneros alimentícios e pelos preços elevados de alguns deles.

Novo atentado

A marinha mercante portuguesa acaba de perder outro barco, que um avião desconhecido fez submergir, na terça-feira, a 23 milhas da Ericeira, atirando sôbre êle os seus projécteis, depois da tripulação haver passado para os escaleres de bordo, no intuito de se salvar, como se salvou.

Chamava-se o pesqueiro *Cabo de S. Vicente.*

As ruas da cidade

Devido às últimas chuvas, ficaram mais intransitáveis do que já eram. Ponham-lhe as *tombas* que quizerem — o desconsêrto é manifesto e a duração efémera.

Quando poderá Aveiro orgulhar-se de ter as suas ruas, passeios, largos e praças em condições de merecerem elogios?

O Albergue

Prosseguem os preparativos para a sua instalação, devendo começar a serem distribuídas a circulares para a recolha dos fundos de que carece e são indispensáveis.

Resta que os aveirenses, cada um segundo as suas posses, correspondam ao apêlo sem discrepância nem demora, como se torna necessário.

Pesca da lampreia

Dizem de Seixas que tem corrido regularmente no rio Minho, vendendo-se, porém, a altos preços.

Sáveis e salmões é que têm escasseado.

Não nos faz diferença. Enquanto houver bacalhau do *Santa Joana*...

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Mais provas de boa camaradagem

De *O Desforço*, de Fafe:

O Democrata

Entrou no dia 22 de Fevereiro no 35.º ano de existência, êste nosso distinto colega, da superior direcção do velho e muito considerado amigo snr. Arnaldo Ribeiro, um jornalista talentoso e correcto, que tem brilhado, nestes 34 anos passados, nas colunas do semanário que defende com calôr e honra os interêsses da sua terra, os engrandecimentos da Pátria e os homens que fazem prosperar a Nação.

Arnaldo Ribeiro, homem de trabalho e de acção, é daqueles jornalistas que sabem da sua profissão, dando, por isso, ao *Democrata* uma feição variada, útil e agradável—de bairrismo e de patriotismo.

Por mais êste aniversário o abraçamos como bom e leal camarada e a quantos no *Democrata* trabalham.

Da *Defêsa de Espinho*:

Festejou, em 28 de Fevereiro findo, 34 anos de prestigiosa existência o nosso estimado confrade de Aveiro, *O Democrata*, semanário republicano dirigido pelo nosso amigo Arnaldo Ribeiro.

Felicitações sinceras.

De *A Opinião*, de Oliveira de Azemeis:

Mais um ano — o trigésimo quarto — acaba de completar o nosso presado colega aveirense *O Democrata*. Por êsse motivo o saùdamos, cumprimentando afectuosamente o seu distinto director, sr. Arnaldo Ribeiro.

Do *Jornal de Albergaria*:

O Democrata

Este nosso distinto colega, que sob a direcção do sr. Arnaldo Ribeiro, vê a luz da publicidade em Aveiro, festejou o seu 34.º aniversário no dia 28 do mês passado.

Idade de respeito em qualquer época, nos tempos actuais é muito para apreciar, dadas as dificuldades que hora a hora surgem a entravar a vida da pequena imprensa.

Um *chi* coração ao seu director, com o desejo, muito sincero, de que a vida do *Democrata* se prolongue por muitos mais anos.

Do *Ecos de Cacia*:

O Democrata

Este nosso colega de Aveiro atingiu mais um ano de existência, o que é para louvar visto que são 34 anos de luta jornalística sempre com aprumo, dignidade e patriotismo.

O Democrata, para solenizar essa data, reüniu em jantar de confraternização os seus colaboradores, o qual foi servido no *Arcada Hotel* e terminou com brindes a Arnaldo Ribeiro e à cidade de Aveiro.

As nossas felicitações, desejando-lhe muitas prosperidades.

Novas estampilhas

A Administração dos Correios de Inglaterra poz a circular, na segunda-feira, novos selos do valor de 3 xelins e meio, de côr verde-claro em vez de castanho. E explica a mudança da seguinte forma: é que os soldados americanos e canadianos gastaram êsses selos em tão larga escala para enviarem a sua correspondência pela via aérea, que se tornou impossível obter a quantidade de tinta castanha destinada à impressão dos mesmos.

Calcule-se.

Filmes...

NUM tribunal francês apareceu, há pouco, uma senhora de 79 anos a requerer o divórcio contra o marido, que tem a mesma idade.

Intrigado com o caso, por não ser vulgar, o juiz preguntou à requerente:

—Há quantos anos está a senhora casada?

—Há 60.

—E quere separar-se de seu marido depois dum tão longo período de vida conjugal?!

—Sim, senhor—exclamou a interlocutora—tudo tem um limite.

A' vista dêste irrefutável argumento, foi concedido o divórcio.

Até parece anedota...

ÊSTE anúncio veio publicado no *Diário de Notícias*, de Lisboa:

Casamento

Viuva, professora, apresentável, com grande fortuna, deseja viuvo, de 55 a 60 anos, culto e rico.

Para que quererá a viuva com fortuna e, além disso, professora, um viuvo também rico, não nos dirão?

Uma viuva, assim, afigura-se-nos exótica de mais e um tanto ou quanto exigente...

Porque não se contenta com pouco...

AVERIGUOU um médico austríaco após várias e aturadas investigações, que os sonhos nas mulheres são mais freqüentes que nos homens.

Com efeito há mulheres que se não andam a sonhar permanentemente, dão, pelo menos, essa impressão...

Conferência

Primorosa, a realizada pelo sr. dr. Frederico de Moura, considerado clínico em Vagos, no salão do *Sport Club Beira-Mar*, na noite de 6 do corrente. Primorosa e debaixo de muitos pontos de vista cheia de ensinamentos sôbre a vida da criança após o nascimento, problema que o sr. dr. Frederico de Moura desenvolveu admiràvelmente, interessando o selecto auditório.

Presidiu o vice-reitor do Liceu, sr. dr Álvaro Sampaio, secretariado pelos srs. dr. Francisco Soares e António de Menezes Mendes, director escolar.

No final, uma prolongada e vibrante salva de palmas coroou a magnífica exposição do ilustre conferente.

Géneros alimentícios

Não abundando no mercado nem nos estabelecimentos, resulta que para se adquirirem dão trabalho e alguns só por alto preço se obtém.

Anda tudo fora dos seus lugares — tudo descarrilado. A batata, por exemplo, cuja abundância na nossa região deu origem a que se exportassem milhares e milhares de toneladas, tem senhoria! E com os restantes produtos sucede o mesmo.

As sopeiras vêem-se aflitas para chegarem a casa com alguma coisa. E quando se dirigem às patroas, o estribilho é só um:

—Está tudo pela hora da morte!...

As autoridades, porém, na medida do possível, vão fazendo o que podem em defêsa do consumidor.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Guerra e Paz

O primeiro monumento internacional dedicado à paz é um jardim, desenhado por Henry J. Moore em 1929. Foi construido nas fronteiras do Canadá, perto de Dunseith, a igual distância dos oceanos Pacífico e Atlântico. O Jardim da Paz ocupa 2.900 hectares. Esse local é constituído por colinas arborizadas e vales separados por 240 lagos.

A terra, porém, vai sendo pequena demais para as colinas de cadáveres e os lagos de sangue que a fúria e a cobiça vão amontoando e cavando em todos os continentes. E se mais nunca houvera...

Encorporação de Recrutas

Pelo Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10, foram mandadas afixar nas sédes das freguesias, relações com os nomes dos mancebos destinados à 1.ª encorporação do corrente ano, das diversas Armas e Serviços.

Dr. Bernardino Machado

Esteve perigosamente enfermo, no Pôrto, mas melhorou, a-pesar-da sua avançada idade.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

Mudança da hora

Conta-se que um plenipotenciário dos Estados Unidos, que exerceu as suas funções em Paris no reinado de Luiz XVI, acusou os franceses de gastarem imenso dinheiro com escusadas luzes, escrevendo, a-propósito, nesse recuado ano de 1781, o que segue:

O meu amôr à economia é tão firme e dedicado que me levou a fazer o seguinte cálculo: os seis meses que vão de 20 de Março a 20 de Setembro, contam 183 noites. Multiplique-se êsse número por 7, que tantas são as horas que temos normalmente a luz acesa. Teremos 1281.

Façam conta a cem mil famílias, teremos 128.100.000 horas de luzes, o que representa uma despeza anual de 96.075.000 libras (mais de cem milhões de escudos) gastos em cêra e em óleos. Isto só na cidade de Paris.

Há mais de um século, pois, que o meticuloso *yankee* preconizava a hora de verão, que êste ano começa àmanhã, ainda em pleno Inverno!

* * *

A título de curiosidade, vá lá mais esta:

Quando, em 7 de Junho de 1916, o deputado André Honorat conseguiu fazer votar nas Câmaras francesas a sua proposta para adiantar os relógios, saíu-lhe à estacada o poeta Carlos Le Goffil que lhe disse espirituosamente:

Olça, senhor Honorato,
Se a reforma fôr seguida,
Um homem depois de morto,
Tem uma hora de vida!

Uma grande pechincha

Há poucos anos, um velho celibatário londrino, John Brown, faleceu. No seu testamento estipulava que os seus herdeiros haviam de ter o trabalho de descobrirem a fortuna que lhes deixava escondida na casa em que residia. Os pobres revolveram a casa tôda, prescutaram todos os escaninhos, desde o sotão à cave, mas inùtilmente. Já quando estavam desanimados, uma sobrinha, num acesso de ira, derrubou um vaso onde estava plantado um soberbo cactus. E deu-se o milagre! Por entre os cacos do vaso, envolvido em terra, estava um envelope impermeável, contendo 10.000 libras.

Isto ao fim duma semana de buscas afanosas.

Os combóios

Não há maneira da C. P. se decidir a organizar um horário que sirva a nossa região, já não dizemos bem, mas melhor do que está sendo servida. Parece que os interêsses dos povos são coisa de pouca monta; e contudo os povos têm direito a serem respeitados pelo muito que contribuem para o fomento da nação.

Pelo menos nós assim o julgamos.

Interessa-se pelas coisas regionais?

Unidade Imperial

—o—

Emanado do Ministério das Colónias, foi publicado, há dias, no *Diário do Govêrno*, um Decreto-Lei regulando a incorporação na administração do Estado dos territórios de Manica e Sofala, na ubérrima Província de Moçambique.

Estavam êles entregues, como o meu leitor sabe, a corações e a inteligências portuguesas—das melhores—que durante largos anos e à custa de esforços incalculáveis, de tôda a natureza, souberam valorizar aquelas terras ardentes, cheias de mistérios e de fecundas riquezas, ampliando notàvelmente o património da nação. O que ali se fez, a bem do engrandecimento do que era estricta e sinceramente lusíada, constitue, sem dúvida, um marco indestrutível do nosso génio de irradiação, do nosso sacrifício ilimitado e das nossas qualidades civilizadoras. De cara alegre suportámos as maiores inclemências do tempo e das circunstâncias, na certeza de que iamos carrilando materiais para o enriquecimento de Portugal, para o seu prestígio interno e para a sua projecção externa.

No entanto, a-pesar-de termos ali uma obra de que todos nos podemos orgulhar, é forçoso reconhecer que a resolução do Govêrno, não prolongando uma medida administrativa que teve a sua oportunidade, representa uma elevada providência de carácter nacional que naturalmente se impunha e merece, de todos nós, pela sua importância e pelo seu amplo significado, o mais franco aplauso.

Embora a Companhia de Moçambique haja cumprido nobremente o seu dever, promovendo, em larga escala, o progresso dos territórios que lhe estavam confiados, a verdade é que, nas presentes circunstâncias do Mundo, tinhamos a obrigação imperiosa de os enlaçar na unidade nacional, colocando-os nas condições dos outros territórios africanos.

De resto, nem para outros objectivos caminhava e caminha a nossa política ultramarina. Desde o *Acto Colonial* — que ficou a marcar a prodigiosa envergadura do seu autor — até à acção de Armindo Monteiro, realizador da ideia imperialista, até ao dr. Francisco Vieira Machado, verdadeiro unificador do Império Ultramarino, todos os nossos pensamentos e todos os nossos esforços têm tido por fim assegurar cada vez mais a unidade de todos os pedaços de terra pertencentes à comunidade portuguesa.

Anotando, em palavras de imorredoira beleza, essa unidade e as razões que a determinam, Salazar disse um dia, ao transmitir à Assembleia Nacional o êxito da viagem do venerando Chefe do Estado a Moçambique:

A descoberta abnegada e teimosa é, sem dúvida, um título; o sangue dos soldados nas lutas de ocupação, sêlo material da posse; mas o que está feito—é a fusão da raça e da terra, o alargamento, ate aos confins do sertão, das estreitas fronteiras na Península, a mesma Pátria reproduzida, alma e sangue, ao modo de Mãi e seus filhos.

Por muito que eu quizesse dizer e por mais feliz que fôsse a minha inspiração não conseguiria atingir a definição maravilhosa que lhes transcrevo. O Chefe da Revolução Portuguesa como que sintetizou naquela frase admirável o sentido profundo da sua política, destinada a engrandecer e a unificar o Império.

A incorporação, pois, que vai realizar-se no dia 18 de Julho, está na lógica dos acontecimentos e é bem o prolongamento duma actividade que, de facto, se iniciou com o *Acto Colonial*. Mas também traduz uma necessidade desta hora incerta e conturbada que reclama, sôbre todos os imperativos, uma estreita e forte união— moral, espiritual e territorial — de tudo que forma e constitui, em todos os domínios, o Império Português.

LUIZ FILIPE

Roubo importante

Quando há dias o sr. Domingos Cascais de Almeida, construtor civil do Ribeiro, da Murtosa, se dirigia a esta cidade para efectuar o pagamento dum prédio que comprára — o dinheiro, viste-lo! Uma quadrilha de gatunos, chefiada, ao que parece, pela *Ex.ma Senhora D.* Aurora de Sousa, a quem chamam, não sabemos porquê, a *Maria Rapaz*, contando no seu activo 46 prisões, sorripiou-lhe a carteira. Está claro: a Polícia tomou conhecimento do caso—a todo o cidadão, ou cidadã, é vedado apoderar-se daquilo que não lhe pertence—prendeu *suas excelências os senhores* António Alves Carvalhosa, o *Irmão do Quim Moleiro*; José Piuto, o *Roquete*, e Joaquim de Oliveira, o *Quim da Mãi*, que logo indicaram a *senhora D.* Aurora, visto ter-se escapado, como única responsável do delito, se é que delito se pode chamar a uma *limpeza* de 59 contos feita com tanta arte...

Mas a *Maria Rapaz*, depois de instantemente procurada, foi também presa e, decerto, vai falar, se bem que isso nada 'adiantará por não ser susceptível de indemnizar o sr. Cascais do desgosto sofrido...

Ah! Que se a *senhora D.* Aurora lhe pudesse valer...

E às vezes, quem sabe? *S. Ex.a* chegou a Aveiro e é hospede do comando da Polícia...

Real Academia de Itália

X Reùnião 'Volta,

Na próxima Primavera terá lugar, em Roma, a X Reùnião «Volta» que a Classe das Ciências Morais e Históricas da Real Academia de Itália convoca entre os juristas europeus, em continuação das reùniões de 1933 e 1938, também realizadas sôbre temas de alto interêsse europeu.

A premissa da X Reùnião «Volta» é que a presente conflagração origina não só grandes revoluções de ordem internacional, mas também profundas reorganizações na ordem interna, social e por conseqüência jurídica de cada país.

Nesta previsão, a Real Academia de Itália põe na ordem do dia no campo dos estudos jurídicos europeus o tema de uma actualizada *codificação do direito na nova ordem politico-social*; quere dizer, a revisão geral dos institutos que orientam a vida civil do nosso continente, os actos inumeráveis daquela vida quotidiana, na qual depois se concretizam todas as razões humanas do viver e do agir e assumem determinados conteúdos os valores humanos universais.

Os temas da família do trabalho, da propriedade, das obrigações, da tutela jurisdicional civil, da defesa penal, etc., são temas eternos da vida humana e objecto de contínuos controles doutrinais e experimentais que duram há milhares de anos. Não obstante, êstes parecem sempre novos à inexausta necessidade de mais segura protecção e de melhoramento dos destinos humanos em contínuo desenvolvimento.

Portugal, terra de refúgio

Foram tornados públicos alguns números estatísticos àcêrca do movimento de estranjeiros, no nosso país, durante o ano de 1940 —durante o ano trágico de 1940, em que Portugal se revelou ao Mundo na plenitude da sua missão de país-refúgio, pátria da paz na Europa em guerra...

São elucidativos êsses números: um total de 38.697 estranjeiros abrigaram-se durante êsse ano da terra pacífica de Portugal. 27.002 utilizaram a via terrestre, 6.833 a via marítima e 5.852 a via aérea.

Mais dados estatísticos referentes à nacionalidade dos refugiados vindos dos países invadidos: 4.342 norte-americanos; 4.287 franceses; 1.000 gregos; 3.389 ingleses; 2.662 polacos; 2.246 belgas; 695 checos; 1.485 holandeses; 200 dinamarqueses e 200 luxemburgueses.

Ainda não está apurado o total referente a 1941. Mas Portugal continuou a ser, durante êsse ano— como tem sido já no correr dêste — o pôrto de abrigo em que procuram confiadamente tranqüilidade e repouso aqueles que a guerra afastou dos seus lares— aqueles que a guerra afastou da paz.

E isso é importantíssimo.

Por muitos motivos.

Geografia de Portugal

O 7.º fascículo desta obra do professor da Universidade do Coimbra, doutor Amorim Girão, recebemo-lo esta semana, prosseguindo de harmonia com os anteriores.

A *Portucalense Editora* merece louvores pelo esmêro do trabalho tipográfico, que é primoroso.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. major Joaquim Geraldes, residente em Coimbra; àmanhã, o menino João Evangelista, filho do sr. João Evangelista de Campos, e o sr. tenente Luís da Paula Santos, actualmente em Malange (África Ocidental); no dia 16, o sr. Artur Amador, de Eixo; em 18, as sr.as D. Maria Leonor Machado da Cruz, esposa do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, e D. Maria Isolina Vidal, dilecta filha do nosso velho amigo dr. António Lucio Vidal, notário em Vagos; em 19, a sr.a D. Cândida das Dôres Duarte Peixinho, esposa do nosso amigo Jerónimo Peixinho, e os srs. José Martins Taveira e António José Nunes Rangel; e em 20, a inocente Laurinha, filha do sr. Severim Duarte, representante dos cimentos Liz.

Gente nova

Em Cabo Verde deu à luz uma creança do sexo feminino a esposa do 1.º sargento cadete Rui Ventura Rodrigues, de Infantaria 7.

A recem-nascida, que é neta do nosso amigo sr. major Caria Rodrigues, sub-inspector dos Serviços da Administração Militar, vai ser registada com o nome de Maria Salamé.

As nossas felicitações.

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar durante a semana, nesta cidade, os nossos amigos srs. Joaquim Ferreira de Oliveira, antigo funcionário de Finanças, residente na Mealhada; João Simões de Pinho, de Cacia; Manuel Dias dos Santos, de Requeixo; João de Pinho Nascimento, negociante de pescado na Afurada; Diamantino Simões Jorge, da Taipa, e José Robalo, do Entroncamento.

—Com sua familia, veio de Mira fixar residência entre nós, o velho amigo do director dêste jornal, dr. Manuel Vieira de Carvalho, que em Setubal exerceu clínica largos anos, contando ali muitas simpatias e amisades.

Afectuosos cumprimentos.

Doentes

Tendo adoecido nos Açores, onde fazia parte dum Batalhão Expedicionário de Infantaria, chegou ao continente, dando entrada no Hospital Militar de Belem, a-fim-de se tratar, o alferes miliciano José Ribeiro da Rocha e Cunha, filho do capitão de Mar e Guerra, sr. Silvério da Rocha e Cunha.

Lamentando o facto, muito estimamos que um curto espaço de tempo recupere a saúde, para satisfação de sua familia e amigos.

—Experimentou esta semana algumas melhoras o nosso amigo João Mota, que ainda continua de cama.

— Também não passa bem de saúde o amigo João Simões Peixinho, a quem desejamos breve restabelecimento.

Atenção para a 4.ª página

Ensino Técnico

Diversos organismos consultados têm respondido à Comissão de Reforma do Ensino Técnico com seus alvitres judiciosos, filhos da prática que, em seus primeiros passos, as escolas técnicas facultaram.

A Associação Industrial Portuguesa, nessa resposta, depois de congratular-se pela nova tentativa de colocar o ensino industrial no nível que julga absolutamente necessário, diz que espera que a Comissão conte com as possibilidades materiais suficientes para que possa estudar e talhar um plano de reforma e realizações suficientemente largas para que a preparação da mão de obra especializada seja eficiente. E acrescenta:

«Pensamos que serão bem empregadas e reprodutivas para a Nação as verbas que êsse ensino vier a custar para lhe dar eficiência — por avultadas que sejam.»

Depois, e confirmando o que já aqui dissemos àcêrca das instalações más da escola de Aveiro, diz ainda a A. I. P.:

«As nossas escolas industriais, até agora, não têm podido, por extrema insuficiência de oficinas, penúria de equipamento e meios materiais — preparar convenientemente os seus diplomados. A-pesar-da extrema boa vontade, espírito de sacrifício e acrisolada dedicação com que os professores se entregam à sua missão — e que tantas vezes pudemos verificar e sempre louvamos com aprêço em publicações e representações — não lhes é possível suprir pelo ensino teórico e oral a preparação objectiva e experimental, e a prática oficinal.»

Não se pode fazer bom ensino profissional sem boas oficinas convenientemente providas de máquinas e materiais, para que o aluno ao transitar da escola para as oficinas não sinta o choque deplorável de se sentir incompetente e de não satisfazer a quem o admitiu.

O ensino profissional deve ser amplamente desenvolvido e os rapazes habilmente conduzidos, cuidando-se muito particularmente, nos tempos que vão correndo, da sua preparação em condução e conhecimento firme de máquinas. Se as dificuldades forem grandes, para tudo se instalar na altura capaz, também é possível fazer-se, como medida transitória para não retardar mais a solução dêste grande problema, acôrdos entre o Estado e algumas entidades industriais.

Isto se fez em vários países da Europa, hoje possuindo uma admirável massa operária consciente e competente, formada em belíssimas escolas.

Um homem com cabeça

Um inglês, Mr. Datas (se ainda vive, tem 63 anos de idade) vendeu, pela segunda vez, a... cabeça.

Sendo um fenómeno de memória, relatava os acontecimentos passados nos últimos trinta anos, enumerando ao mesmo tempo a data de todos os jornais em que lêra os sucessos. Catalogava, igualmente, no cérebro mais de dois mil episódios de guerra, que recordava com os mais pequenos pormenores.

Em 1918, quatro médicos americanos, constituídos em sindicato, adquiriram o direito à posse da sua cabeça, após a sua morte. Pagaram 10.000 dólares por ela. Mas os médicos morreram, e Mr. Datas, homem prático, vendeu de novo a cabeça, mas desta vez por 10.000 libras esterlinas à Sociedade Real de Pesquizas Científicas.

Esta, sim, é que é uma verdadeira cabeça — *de raça*...

Carta de Lisboa

General Carmona

Foi recebida com o maior entusiasmo e contentamento a notícia da realização, no próximo dia 15 de Abril, duma grande manifestação ao sr. Presidente da República em agradecimento por ter consentido na sua reeleição. Trata-se, em verdade, dum acto de todo o ponto justo e merecido. Por mais que os portugueses façam, nunca terão agradecido suficientemente ao sr. General Carmona o seu patriotismo, a sua isenção, o seu espírito de sacrifício. Isto mesmo, felizmente, entende todo o país — e daí a certeza de que a projectada manifestação irá ser mais uma grande página da história já magnífica e admirável da Revolução Nacional.

Depois da grande e inequívoca consagração que foi a sua reeleição; depois dos termos verdadeiramente cativantes com que os mais categorizados órgãos da imprensa estrangeira se referiram ao venerando Chefe do Estado, a manifestação de Abril irá ser, disso estamos seguros e certos, o remate digno duma grande e merecida apoteose.

Apuramento da eleição presidencial

O apuramento da eleição presidencial, realizado, há dias, no Supremo Tribunal de Justiça, foi mais um pretexto para se pôr em relêvo o altíssimo significado da reeleição do sr. Presidente da República. Pelo apuramento verificou-se que votaram no sr. General Carmona 966.821 eleitores. Nunca até agora em nenhuma eleição realizada em Portugal, se verificou uma tamanha afluência de eleitores. Por isso, e com a maior razão, o venerando Chefe de Estado pôde afirmar, ao agradecer os cumprimentos que lhe dirigiram os juizes conselheiros do supremo Tribunal de Justiça, «que a elevada percentagem de votantes verificada no acto eleitoral lhe dava ânimo para desempenhar o novo mandato presidencial que a nação quizera confiar-lhe». Efectivamente, o sr. General Carmona tem sobrada razão para se sentir, no exercício da sua suprema magistratura, o verdadeiro representante do país e pode, sem favor, sentir que a sua vontade é a vontade de todos os portugueses.

A hora de verão

O Govêrno decretou já a hora de verão. Assim, de 14 para 15 do corrente, como é do domínio público, são os relógios adiantados uma hora, adiantamento que volta a repetir-se na noite de 25 para 26 de Abril. Trata-se duma medida da maior importância, que tem em vista poupar combustível, hoje difícil de conseguir, mercê das dificuldades criadas pela guerra. No entanto, não se pense que a medida resultará completamente só com a publicação da portaria. Para que dêste diploma legal se tirem todos os necessários efeitos preciso é que todos, mas absolutamente todos, passemos a viver de acôrdo com a nova hora e não como muitos desejariam, retardando a vida uma hora, para que se continue a fazer de noite tudo aquilo que agora se fazia. Se assim acontecesse, de nada serviria o adeantamento da hora, porque se dispenderia a mesma energia e conseqüentemente gastar-se-ia o mesmo combustível, precisamente o que se pretende evitar com a oportuna medida. Sacrificar, pois, hábitos adquiridos, embora do nosso maior agrado, eis uma acção que deve ser realizada com decisão, para que assim sejam menores as dificuldades que porventura venhamos a ter que sentir.

Na defêsa da Pátria

Lisboa voltou a vitoriar, há dias, um novo contingente de tropas que partiu para os Açores a reforçar a guarnição local. A nossa primeira cidade, mãi e cabeça de todas as cidades, não perde nunca oportunidade de prestar homenagem àqueles que, no cumprimento dum dever sagrado, seguem a ocupar os postos que o serviço da Pátria lhes distribue. Nas palmas com que são aclamados os soldados, há, de facto, o espírito heróico e eterno de Portugal.

CORDEIRO GOMES

Recreio Artístico

—o—

Passa na próxima quinta-feira o 46.º aniversário da colectividade local, que tem o título da epígrafe, e que, devido às circunstâncias do momento calamitoso que o mundo atravessa restringe a comemoração da data a êste programa:

Missa, às 10 horas, na Catedral, por alma dos sócios falecidos, devendo ser celebrada, por especial deferência, pelo sr. Arcebispo-Bispo da diocese; exposição do club ao público durante o dia, e sessão solene, seguida do descerramento dos retratos dos fundadores, às 21 horas.

O Democrata antecipa-lhe as suas saüdações.

Iluminação pública

—o—

Recebemos a seguinte carta:

Aveiro, 9 de Março de 1942

...Sar. Director do *Democrata*

V. já, há tempo, se referiu à necessidade que havia de a Câmara mandar iluminar públicamente o Bairro Ferroviário do Vouga.

De facto, é uma grande falta a luz pública neste sítio, que é já muito populoso. Neste sentido V. prestaria um valioso serviço se insistisse, novamente, em chamar a atenção das entidades competentes para tão útil melhoramento.

Os moradores do bairro, principalmente mulheres, vêem-se na impossibilidade de, em noites escuras, saírem de casa sem correr o perigo de tropeçarem ou irem de encontro a grupos de pessoas pouco recomendáveis... o que aqui é muito freqüente.

Já que V. tanto se tem interessado pelo bem da cidade, muito grata ficaria se não descurasse êste assunto.

Se quizesse ter o encómodo de dar por aqui uma vista de olhos teria ocasião de apreciar um casebre construído de bocados de madeira velhos e latas, que serve de dormitório aos empregados da Companha dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga. É digno duma fotografia. Êste pardieiro dá na vista a todos os passageiros que saem e entram.

Desculpe tomar-lhe êste bocado de tempo e creia-me

De V., etc.

UMA LEITORA DO *DEMOCRATA*

Aqui tem a nossa leitora deferida a sua pretensão. Mas a Câmara é capaz de não ter agora material eléctrico, por faltar em tôda a parte, e lá se vão por água abaixo os seus desejos, que são os desejos do Bairro Ferroviário.

Se ela nos tivesse atendido quando, antes da guerra, lhe falámos no assunto...

Hoteis e pensões

Tencionam os Serviços de Turismo do S. P. N. organizar e fazer, ainda neste ano, uma exposição de interêsse muito especial para a indústria hoteleira do nosso país. Trata se duma exposição de projectos de ornamentações, decorações e serviços de interiores de hoteis, estalagens, pousadas, pensões e — em resumo — de todas as casas, que, em Portugal, sobretudo em terras da província — recebem hóspedes, ou de passagem, ou com maior ou menor demora.

Esse certame visa principalmente dois fins. Um deles é o de levar os artistas portugueses, que para tal estejam ou se julguem habilitados, a ocuparem-se de problemas que são como êsses de embelezamento de interiores — conjuntamente de estética e de utilidade. O outro, e mais importante decerto, é o de sugerir aos donos ou gerentes dessas casas, por demonstrações tangíveis, quanto lhes é susceptível de nelas executar ou modificar—e gastando pouco — para as tornar mais atraentes, mais confortáveis, e até mais portuguesas.

A Exposição, que se inaugura em Lisboa, repetir-se-á depois, e sucessivamente, em todas as capitais de distrito, a-fim-de que possam conhece-la e devidamente apreciá-la todos os interessados.

Achamos bem.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Conceição Ramos Moreira

Agradecimento

Jeremias dos Santos Moreira vem, por êste meio, agradecer a todas as pessoas que se interessaram durante a doença de sua saüdosa esposa, Conceição Ramos Moreira, bem como a todas as que, quando do seu falecimento, manifestaram o seu pesar, acompanhando-o em tão doloroso transe.

A falta de moradas deve ter provocado certamente alguma omissão nos agradecimentos directos e assim desta forma, e com as suas desculpas, agradece às pessoas a quem não tenha apresentado o seu maior reconhecimento, testemunhando-lhes a expressão da sua muita gratidão.

Aveiro, 12 de Março de 1942.

A Confiança

Companhia Aveirense de Seguros

De conformidade com os art.os 13.º e 16.º dos seus Estatutos e legislação aplicavel, convoco para se reünirem em Assembleia Geral os accionistas de *A Confiança*, Companhia Aveirense de Seguros, com sede à Rua dos Combatentes da Grande Guerra n.º 48, no dia 28 do corrente mês, pelas 15 horas, sendo a ordem do dia:

Apreciação e aprovação do relatório e contas da gerência finda em 31 de Dezembro de 1941.

Aveiro, 2 de Março de 1942.

O Presidente da Assembleia Geral,
José Maria Vilarinho

NECROLOGIA

No próximo lugar de S. Bernardo finou-se, a semana passada, com 18 anos, apenas, José de Oliveira Vieira Guimarãis, que foi sepultado no cemitério novo desta cidade.

Era filho do sr. Lauro Vieira Guimarãis, 2.º sargento de Infantaria 10 e vitimou-o uma grave enfermidade.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, João Simões da Cunha, viuvo, de 85 anos, e Maria Ludovina Ferreira, também viuva, de 87; em *Aradas*, Manuel da Conceição, casado, de 52; na *Quinta do Picado*, Rosa Rodrigues de Paiva, viuva, de 76; no *Bonsucesso*, Maria de Jesus Furão, de 81, casada com José dos Santos Furão; na *Povoa do Paço*, Joana Simões de Moura, de 73, casada com Pedro Afonso Barbosa, e em *Verdemilho*, Maria da Luz Furôa, de 66, casada com António Simões Geraldo.

Agradecimento

A viuva e família de Falieres Limas Correia, na impossibilidade de o fazer por outra forma, vem, por êste meio, mostrar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pela doença que o victimou e bem assim às que o acompanharam à última morada.

Aveiro, 12 de Março de 1942.

Teatro Aveirense

(S. A. R. L.)

AVEIRO

Assembleia Geral

Conforme o Artigo 37.º dos Estatutos desta Sociedade, convoco a reünião da Assembleia Geral para o dia 15 de Março, pelas 14 horas, e na Séde, para discussão e aprovação de contas da Gerência do ano de 1941.

Não comparecendo número legal de accionistas fica desde já convocada nova reünião para o dia 29 do referido mês, no mesmo local e à mesma hora.

Aveiro, 9 de Março de 1942.

O Presidente da Assembleia Geral

Alberto Souto

Comarca de Aveiro

Divórcio

Por sentença de 4 do corrente mês de Dezembro foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Júlio Nunes Branco, pescador, de Ilhavo, e sua mulher Júlia do Couto Vidal, doméstica, residente na cidade do Porto, na acção de divórcio com benefício da Assistência Judiciária que aquele moveu contra esta.

Aveiro, 16 de Dezembro de 1941.

O Chefe da 1.ª Secção,

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Verifiquei.

O Juiz de Direito, substituto,

Fernando Moreira